

DESCRIÇÃO DISCURSIVO-FUNCIONAL DO NÚCLEO NOMINAL DA ORAÇÃO RELATIVA EM PORTUGUÊS

Aliana Lopes CÂMARA¹
Erotilde Goreti PEZATTI²

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos uma descrição das orações relativas na lusofonia com base no arcabouço teórico da Gramática Discursivo-Funcional. O objetivo é analisar como o tipo de núcleo nominal (lexical, configuracional, vazio ou ausente) relaciona-se à distinção entre relativa restritiva e relativa apositiva. O universo de pesquisa, representativo de todas as variedades oficiais da língua portuguesa falada, é composto por ocorrências reais de fala, extraídas do *cópus oral Português Falado*, produzido pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa em parceria com as Universidades de Toulouse-le-Mirail e de Provence-Aix-Marseille.

PALAVRAS-CHAVE: Oração Relativa. Gramática Discursivo-Funcional. Núcleo Nominal.

Palavras iniciais

É comum, em qualquer estudo sobre oração relativa, relacioná-la ao núcleo nominal da oração principal. Também é consenso haver, na oração relativa,

¹ Professora Doutora da rede pública do Estado de São Paulo. *E-mail:* aliana.precioso@gmail.com

² Professora Doutora do Departamento de Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas\Unesp, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. *E-mail:* pezatti@ibilce.unesp.br

um elemento (seja pronome relativo ou pronome cópia) correferente ao núcleo nominal, tanto na relativa restritiva como na relativa apositiva. Assim, no trecho a seguir, por exemplo, há na oração principal o núcleo nominal *o amigo* que é retomado correferencialmente na oração relativa pelo pronome relativo *que*.

- (1) quer dizer, neste momento eu já nem sei como agradecer ao amigo que me, *que me ensinou a tocar a, a viola*. (Moç83:CantarPintar:l.21)

Há também uma grande discussão na literatura linguística sobre os papéis sintáticos desempenhados pelo pronome na oração relativa (sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo ou objeto de comparação), resultando na tão conhecida hierarquia de acessibilidade nos estudos tipológicos. Há ainda uma ampla discussão, nos estudos gerativistas, sobre a forma como o referente é retomado e codificado na oração relativa, o que propiciou a Tarallo (1983) propor diferentes estratégias de relativização, ao classificar as relativas do português brasileiro em copadoras, cortadoras e de pronome relativo. Entretanto, muito pouco tem sido dito sobre os aspectos pragmáticos e semânticos envolvidos na relação entre o núcleo e a oração relativa. De modo geral, constata-se uma preocupação em (i) classificar sintaticamente o núcleo nominal, elencando as possíveis funções sintáticas desempenhadas na oração principal;³ ou (ii) estabelecer uma relação entre o núcleo nominal (em termos de sua definitude e referencialidade) e o *status* da informação veiculada pela oração relativa (GIVÓN, 2001).

Na próxima seção, retomamos brevemente os estudos sobre a oração relativa no tocante à sua relação com o núcleo nominal. Na segunda seção, apresentamos os pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) que servirão de base para a análise dos dados. E, por fim, na última seção, empreendemos uma discussão sobre os resultados derivados da análise qualitativa dos dados.

3 Cf. Cunha e Cintra (2008, p. 616-618).

O núcleo nominal da oração relativa na literatura

Tradicionalmente, adotam-se critérios semânticos (restringir ou explicar o núcleo nominal) para distinguir entre, respectivamente, oração adjetiva restritiva e explicativa. Também é frequente afirmar-se que a oração adjetiva explicativa vem delimitada, na escrita, por vírgulas e pode ser excluída da sentença sem prejudicar o sentido da mensagem que está sendo transmitida (BECHARA, 1999, p. 467; CUNHA; CINTRA, 2008, p. 618). Cunha e Cintra (2008, p. 616), por exemplo, afirmam que a oração adjetiva pode ser um modificador de um substantivo ou pronome que desempenha qualquer função sintática na oração principal (sujeito, predicativo, complemento nominal, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e vocativo); não estabelecem, no entanto, a relação entre o núcleo nominal e os tipos de orações relativas.

Isso é feito por Givón (2001), que, por seguir o modelo funcionalista, estuda a oração relativa como mecanismo de coerência referencial, cuja função é dar pistas anafóricas e catafóricas para a identificação do referente. O autor parte, basicamente, de critérios pragmáticos (definitude e referencialidade do núcleo nominal) e contextuais (*status* dado e novo da informação). O núcleo nominal referencial pode ser de três tipos: definido, indefinido e não referencial. A informação veiculada pela oração relativa pode ser familiar e conhecida pelo Ouvinte e, portanto, disponível em sua memória episódica ou pode ser informação nova, não assertiva e incontestável.

Para o autor, as relativas restritivas podem se relacionar com o núcleo nominal de três formas, considerando-se os critérios pragmáticos e contextuais referidos anteriormente, o que é exemplificado pelas sentenças a seguir:

- (2) O homem *que se casou com a minha irmã* é um bandido.⁴ (GIVÓN, 2001, p. 176, tradução nossa)

⁴ No original: “the man who married my sister is a crook”.

- (3) Um homem *que disse que amava a minha irmã* veio aqui ontem e...⁵ (GIVÓN, 2001, p. 177, tradução nossa)
- (4) Qualquer homem *que se casasse com a minha irmã* estaria pedindo para ter problemas.⁶ (GIVÓN, 2001, p. 179, tradução nossa)

Em (2), o Falante expressa o núcleo nominal como um referente definido *o homem*, pois é uma informação acessível para o Ouvinte, mas que não está ativada no momento da enunciação. Em termos pragmáticos, Givón (2001, p. 176) afirma que a relativa restritiva é uma “pista de conexão anafórica”, pois o evento/estado da relativa restritiva é familiar ao Ouvinte, estando disponível em sua memória episódica. Dessa forma, o autor estipula a seguinte condição pragmática: o Falante não afirma a proposição da relativa restritiva, mas pressupõe que já é conhecida ou familiar para o Ouvinte, porque este pode acessá-la na memória episódica.

- (2*) O homem é um bandido. (assertiva)
 O homem se casou com a minha irmã. (pressuposta)

Por outro lado, em (3), o núcleo nominal indefinido “um homem” é um referente tópico novo, introduzido pela primeira vez no discurso. O estado/evento transmitido na relativa restritiva não é conhecido pelo Ouvinte. Portanto, a função da relativa restritiva é fornecer uma descrição inicial saliente que facilite a referência posterior a esse elemento. O autor estipula a seguinte condição pragmática para esse caso: o Falante assume que a proposição na relativa restritiva é informação nova para o Ouvinte. De modo semelhante à informação pressuposta, ao servir como informação de ligação, o *status* pragmático da oração relativa aqui não pode ser assertivo e, portanto, não pode ser contestável. A oração tem o papel de servir como ponte entre o referente e o trecho discursivo ainda não revelado.

⁵ No original: “a man who said he loved my sister came by yesterday and...”

⁶ No original: “any man who marries my sister would be asking for trouble”.

(3') Um homem veio aqui ontem. (assertiva)

O homem disse que amava a minha irmã. (não assertiva, não contestável)

Trata-se de uma relação catafórica que instrui o Ouvinte a inserir o novo referente em sua memória, diferentemente das relativas com núcleo definido que instruem o Ouvinte, numa relação anafórica, a acessar o referente em sua memória episódica, pois se trata de informação disponível para ele.

O núcleo nominal *qualquer homem*, em (4), não é um referente⁷ e, por isso, a oração relativa *que se casasse com a minha irmã* é considerada como desconhecida ou não familiar ao Ouvinte e está sob o escopo modal *irrealis*, pois o Falante não sabe se o evento *um homem se casar com a sua irmã* irá ou não acontecer. A condição pragmática, segundo o autor, é que a informação da relativa restritiva seja nova para o Ouvinte e, estando sob o escopo *irrealis*, seja não assertiva, fundamental e não contestável, ou seja, trata-se de uma informação afirmada pelo Falante, que pretende que o Ouvinte a acrescente à sua memória. A diferença entre esse tipo e o anterior, portanto, é que apenas a relativa em (4) está, juntamente com o núcleo, sob o escopo *irrealis*.

No que diz respeito à relativa apositiva, depreendem-se da proposta de Givón (2001) três características fundamentais: (i) tipicamente traz um estado/evento que não é pressuposto, e sim informação nova, considerada como informações parentéticas que o Falante considera menos centrais para o desenvolvimento temático principal do discurso; (ii) não pode modificar núcleo não referencial; e (iii) modifica núcleos referenciais únicos, tais como nome próprio, pronome e nome definido único. Esse tipo de relativa pode ser usado para unir o referente anaforicamente (referindo-se a um núcleo nominal definido) ou cataforicamente (referindo-se a um núcleo nominal indefinido), conforme exemplificado, respectivamente por (5) e (6).

⁷ O autor define entidades referenciais como sintagmas nominais que foram estabelecidos verbalmente no universo do discurso. Sendo assim, sintagmas introduzidos pelos pronomes “qualquer”, “nenhum”, etc. são não referenciais.

- (5) A mulher, que estava de pé ao lado da porta, puxou uma arma e...⁸ (GIVÓN, 2001, p. 179, tradução nossa)
- (6) Um bom amigo meu, que eu espero que você encontre um dia, acaba de ligar e dizer...⁹ (GIVÓN, 2001, p. 179, tradução nossa)

Nessas orações, o Falante pressupõe que as informações veiculadas pela oração relativa são informação nova, usadas para unir o referente anafórica (5) ou cataforicamente (6). Percebe-se, portanto, que a relativa apositiva pode modificar tanto referentes definidos como indefinidos e a única diferença entre esses dois casos é o tipo de referência, e não uma diferença em termos do *status* da informação da relativa apositiva, que sempre é informação nova.

Em suma, Givón (2001) estuda as orações relativas a partir de um ponto de vista funcionalista que parte essencialmente de informações pragmáticas. Isso significa que, para delimitação do referente, o autor propõe uma distinção entre referente definido, indefinido e não referente, e, para delimitação das *condições pragmáticas* da oração relativa, o autor postula uma distinção entre proposições dadas e novas.

O estudo de Givón (2001) aproxima-se da perspectiva da GDF na medida em que considera fatores contextuais como interferindo na elaboração da oração relativa e considera a relação entre o tipo de núcleo e a oração relativa. No entanto, a relação que se estabelece entre o Contexto (onde se encontram as informações dadas) e o Componente Gramatical (onde se formula/se codifica a oração relativa) se dá de modo diferente nas duas teorias, como ficará claro na próxima seção, o que traz consequências para a análise e leva a resultados diferentes. Acrescente-se o fato de que o núcleo nominal pode ser de quatro tipos na GDF, a saber, lexical, configuracional, ausente e vazio, e que o referente pode ser [+ ou -] específico e [+ ou -] identificável, a depender do conhecimento de sua identidade pelo Falante ou pelo Ouvinte, respectivamente.

⁸ No original: “the woman, who was standing next to the door, pulled a gun and...”

⁹ No original: “A good friend of mine, whom I hope you’ll meet some day, just called and said...”

A dinamicidade do modelo da GDF e de sua configuração em camadas, assim como a diferença entre núcleo ausente e vazio contribuem consideravelmente para a compreensão da natureza da oração relativa e para a distinção entre restritiva e apositiva.

Na próxima seção, fazemos uma breve discussão dos pressupostos teóricos da GDF que embasam a nossa análise, para, a seguir, apresentar a análise e a descrição dos dados.

Arcabouço teórico: a Gramática Discursivo-Funcional

A perspectiva teórica adotada neste trabalho é a funcionalista, que incorpora as intenções comunicativas dos interlocutores à análise, estudando a língua sob uma perspectiva interacionista e concebendo a linguagem como instrumento de interação. A GDF é vista como o Componente Gramatical de uma teoria de interação verbal, na qual se incluem também os componentes Conceitual, Contextual e de Saída. Somente os aspectos desses três componentes relevantes linguisticamente estão refletidos no Componente Gramatical. Como uma teoria baseada no discurso, a GDF toma o Ato Discursivo como unidade de análise e o define como a menor unidade identificável de um comportamento comunicativo (KROON, 1995, p. 65 apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 52).

O Componente Gramatical é organizado de modo descendente, refletindo o processamento linguístico individual, isto é, começando com a intenção do falante e, depois, terminando na articulação. Ao afirmar-se o caráter descendente da arquitetura gramatical, quer-se dizer que o modelo da GDF tenta se assemelhar ao processamento linguístico real do indivíduo, refletindo-o e organizando-se de acordo com ele. Essa organização descendente está diretamente relacionada aos anseios de um ponto de vista funcionalista extremo, segundo o qual há uma hierarquia entre os componentes gramaticais, em que o

componente gramatical do nível mais alto governa os dos níveis mais baixos, o que significa dizer que a pragmática governa a semântica, as duas governam a morfossintaxe e as três governam a fonologia.

Com base nessa perspectiva descendente, Hengeveld e Mackenzie (2008) distinguem quatro níveis de organização na GDF, a saber, dois níveis para a formulação (Interpessoal e Representacional) e dois para a codificação (Morfossintático e Fonológico). A operação de formulação determina as representações semânticas e pragmáticas de cada língua, e a operação de codificação converte essas representações dos níveis Interpessoal e Representacional em representações morfossintáticas e fonológicas. Cada um dos vários níveis de representação é hierarquicamente organizado, indo de camadas mais altas a camadas mais baixas.

Considerando-se que as mensagens são produzidas segundo as expectativas que o Falante tem em relação ao conhecimento pragmático do Ouvinte, o nível Interpessoal compreende “todos os aspectos formais de uma unidade linguística que reflete seu papel na interação entre Falante e Ouvinte” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 46). Sendo assim, na interação, cada participante tem propósitos particulares em mente e emprega determinadas estratégias para atingi-los. O Nível Interpessoal apresenta-se em uma estrutura hierárquica, iniciando-se com a camada mais alta, o Movimento, que é composto por um ou mais Ato Discursivo, que, por sua vez, se organiza em torno de um esquema Ilocucionário, que contém os Participantes (Falante e Ouvinte) e o Conteúdo Comunicado, composto por Subatos de Atribuição e de Referência.

O Nível Representacional, por seu turno, é responsável pelos aspectos semânticos de unidades lexicais e de unidades complexas, independentemente da maneira como são usadas na comunicação, ou seja, o termo “semântico” está relacionado às maneiras como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve. A unidade mais alta deste nível é o Conteúdo

Proposicional, que pode ser avaliado em termos de sua verdade, não podendo ser localizado nem no tempo nem no espaço por se tratar de construtos mentais, tais como conhecimentos, crenças e desejos. Os Conteúdos Proposicionais são formados por Episódios, que são combinações de Estado de Coisas, caracterizados pela unidade ou continuidade de tempo, lugar e indivíduos e são localizados em tempo absoluto. Os Estados de Coisas, por sua vez, podem ser localizados no espaço e no tempo relativo e podem ser avaliados em termos de seu estatuto de realidade. Eles são compostos pela Propriedade Configuracional, que contém uma combinação de unidades semânticas sem relação hierárquica entre elas, a saber, Indivíduos, Localização, Tempo, Modo, Razão e Quantidade.

Os Níveis Morfossintático e Fonológico, por seu turno, são responsáveis pela tarefa de codificação dessas formulações linguísticas. Ao receber o duplo *input* advindo dos Níveis Interpessoal e Representacional, o Nível Morfossintático irá convertê-lo em uma representação estrutural única, que, no Nível Fonológico, será transformada em um construto fonológico, a ser, finalmente, enviada como *input* para o Articulador (ou Componente de Saída).

A organização interna do Nível Morfossintático inicia-se com a camada hierarquicamente mais alta, a Expressão Linguística, que pode ser constituída de apenas uma unidade ou pode ser uma combinação de Sintagmas e/ou Orações. Essa combinação pode ser de vários tipos, a depender do grau de dependência entre as unidades. A oração é composta por Palavras, Sintagmas ou Orações. Já o Sintagma pode consistir num conjunto unitário ou diverso de Palavras, Sintagmas e Orações. Em todos esses agrupamentos, quando uma camada recruta outra idêntica ou hierarquicamente superior, diz-se que essa composição se dá por recursividade. Os núcleos do Sintagma e da Palavra são sempre elementos lexicais.

O Nível Fonológico encontra-se estruturado, de maneira hierárquica e descendente, da seguinte forma: Enunciado, Frase Entoacional, Sintagma

Fonológico, Palavra Fonológica, Pé e Sílabas. O Enunciado consiste de uma ou mais Frases Entoacionais, que, por sua vez, é composta de um ou mais Sintagma Fonológico, que é constituído de uma ou mais Palavras Fonológicas, e assim sucessivamente.

Cada camada é representada por uma estrutura subjacente, composta por uma variável (v), que é a posição a ser ocupada pelas categorias semânticas, pelo núcleo (h), pelo modificador (σ), pelo operador (π) e pela função (ϕ), como especificado a seguir para o Nível Representacional:

$$(7) (\pi v_i: [h(v_i)_\phi]: [\sigma(v_i)_\phi])$$

Cada camada no Nível Representacional tem um núcleo, composto por uma unidade de camada inferior na hierarquia, e pode ter modificadores específicos para cada camada. O adjetivo e a oração relativa, por exemplo, constituem, respectivamente, um modificador lexical e um modificador complexo.

Nessa perspectiva teórica, considera-se a existência de quatro tipos de núcleo: lexical, configuracional, ausente e vazio (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 237-241), discutidos a seguir, tendo como base a categoria semântica Indivíduo. Os núcleos lexical e configuracional são preenchidos lexicalmente por um ou mais de um lexema, como os respectivos exemplos em (8)-(9).

$$(8) \text{ a banda (To-Pr96:Banda:l.44)}$$

$$(8') (1x_i: [(f_i: \text{banda}_N(f_i))(x_i)_\phi])$$

$$(9) \text{ os chefes do governo (To-Pr96:Banda:l.44)}$$

$$(9') (mx_i: [(f_i \text{ chefe } (f_i)) (1x_j: [(: \text{governo}_N(f_j)) (x_j)_\phi]_{\text{Ref}}] (f_i)) (x_i)_\phi])$$

Em (8), há um Indivíduo que é lexicalmente expresso pelo nome *banda*, enquanto, em (9), o Indivíduo é constituído de mais de um nome na posição do núcleo. O núcleo configuracional é composto normalmente por nomes relacionais, como *chefes*, mais seu argumento, como *governo*. Nomes relacionais são normalmente aqueles que designam a parte do todo, membros de parentesco etc.

O núcleo vazio (*empty head*), por sua vez, engloba itens coesivos, como, por exemplo, pronomes demonstrativos, que se referem anaforicamente não a um item referencial, mas a um item semântico mencionado anteriormente, como exemplificado por (10), em que o pronome *aquilo* retoma *semente de linhaça*.

(10) é uma lia[...], tratam de linhaça, que é a semente, que até é muito, diz que é muito bom para deitar em vistas quando, quando está inflamado e que no tempo a gente deitava, na nossa casa deitava-se, se tinha alguma coisa dentro aquilo no out[...], a gente deitava um grãozinho daquilo e *aquilo* limpava a vista, tirava tudo para fora. (PT96:Linho:1.6-7)

(10') $(x_i: [(f_i)(x_i)_\phi](x_i)_\phi)$

No Nível Representacional, marca-se uma posição vazia, não preenchida por nenhum item lexical, sinalizando a presença do item coesivo, que será codificado diretamente no Nível Morfossintático, assim como quaisquer pronomes.

O núcleo vazio pode ser modificado semanticamente:

(11) Eu gostei mais do carro vermelho, mas Maria preferiu o \emptyset amarelo.

(11') $(x_i: [(f_i)(x_i)_\phi]: [(f_j: \text{amarelo}_A (f_j))(x_i)_\phi])$

Nesse exemplo, não há nenhum pronome sinalizando a posição do item semântico *carro* na segunda oração, mas há uma posição para ele no Nível Representacional, porque há uma relação coesiva por anáfora zero. Por se tratar de uma relação semântica, essa anáfora pode vir com o modificador *amarelo*.

O núcleo ausente (*absent head*) é constituído por nomes próprios, pronomes pessoais, expressões anafóricas e catafóricas, explícitas ou implícitas. Esses núcleos são introduzidos no Nível Interpessoal como Subatos Referenciais, que não contêm informação lexical e, por isso, não contêm núcleo.

(12) $(R_i: \text{João} (R_i))$

A ausência do núcleo impede qualquer tipo de modificação no Nível Representacional, ou seja, esse referente só pode ser modificado pragmaticamente, como, por exemplo, *o pobre João*.

Na próxima seção, apresentamos a análise e a discussão dessa tipologia de núcleo nominal, correlacionando-a aos dois tipos de oração relativa, restritiva e apositiva.¹⁰

Descrição discursivo-funcional do núcleo nominal da oração relativa

Em conformidade com a direção descendente da GDF, apresentamos inicialmente a descrição dos aspectos pragmáticos do núcleo nominal da oração relativa, para, a seguir, analisarmos seus aspectos semânticos e, por último, a codificação morfossintática.

No Nível Interpessoal, tanto na relativa restritiva quanto na relativa apositiva, o núcleo nominal representa um Subato Referencial, correferencial ao pronome relativo na oração relativa. A única diferença entre os dois tipos de relativas diz respeito à especificidade e à identificabilidade do Subato. O conceito de identificabilidade refere-se à (não) existência do referente no modelo mental do Ouvinte. A distinção entre referência específica e não específica diz respeito ao fato de o referente ser ou não identificável para o *Falante*.

Na relativa apositiva, o Subato Referencial é prototipicamente [+] específico para o Falante e [+] identificável para o Ouvinte. É justamente por esse motivo que a apositiva tem geralmente como núcleo nomes definidos, nomes próprios ou pronomes pessoais. As ocorrências em (13)-(15) exemplificam, respectivamente, cada um deles.

¹⁰ Cf. o trabalho pioneiro de Camacho (no prelo) sobre a oração relativa, que tem como base teórica a GDF. Em seu estudo, o autor descreve o funcionamento da oração relativa nos vários níveis de análise linguística.

- (13) **a inflação**, *que antes era de cinquenta por cento ao mês e agora é de trinta e cinco por cento ao ano faz uma diferença brutal nas actividades culturais do país.* (Bra95:PlanoReal:l.62)
- (14) eu acho que para o trabalhador, a realidade continua a mesma. e na realidade cultural isso fica... muito mais difícil. porque, particularmente **no Estado de São Paulo**, hoje, *onde a gente vinha com alguns projectos... de cultura*, de popularização da cultura, e isso tudo foi, ah, foi derrubado, foi uma derrocada muito grande. (Bra95:PlanoReal:l.6)
- (15) mas tipo qua[...], a Fabiana que mora comigo, mi[...], minha colega de república lá em Bauru, eu troco muito mais roupa com **ela que é minha amiga** do que com a minha própria irmã, (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:l.103)

A expressão do núcleo nominal como [+ específico] e [+ identificável] se relaciona à própria função da relativa apositiva, que é apenas acrescentar uma informação de fundo (*background*) sobre um referente já conhecido pelos interlocutores e disponível contextualmente.

A relativa restritiva, por sua vez, pode fazer três tipos de combinações: o núcleo nominal é [+específico, +identificável], [+específico, -identificável] ou [-específico, -identificável], como nos respectivos exemplos a seguir:

- (16) e em terceiro lugar, **a pensão** *que ficará a pagar aquele dos progenitores* que não fica com os menores à sua guarda e cuidados. (PT89:LeiCotidiano:l.36-7)
- (17) lembro-me que em mil novecentos e oitenta tive **um primo** *que estava a tirar o curso por correspondência de desenho e pintura*, Alberto Torrão, (Moç83:CantarPintar:l.29)
- (18) e estão cada vez mais afastadas de um problema, que pode ser colectivo e, e também individual, não é, eh, **um problema qualquer** *que surja*, não é, eh, as pessoas aí, eh, não estão, não estão, eh, preparadas para se defenderem colectivamente, por exemplo (PT95:GrandesCidades:l.125)

A análise dos dados demonstra que, no Nível Representacional, há uma preferência da relativa restritiva por modificar a categoria semântica Indivíduo, como em (17). Tal categoria designa uma entidade que ocupa uma

porção espacial específica, o que significa que dois Indivíduos jamais ocupam o mesmo lugar. Entretanto, qualquer categoria semântica (Conteúdo Proposicional, Estado de Coisas, Modo, Tempo, Lugar e Razão) pode preencher o núcleo nominal de uma oração relativa restritiva, como descrito a seguir.

Em (19), o núcleo *hipótese* é um Conteúdo Proposicional, pois representa um construto mental, que não pode ser localizado nem no tempo nem no espaço, podendo ser avaliado apenas em termos de sua verdade.

- (19) pois! no meu caso, que estou no jornal, claro, aí está! surgiu agora a hipótese de entrevistar os, os Extreme, mas isso é uma **hipótese** *que surge... de cinco em cinco anos*, se é que surgir! (PT96:MeioPequeno:l.83-4)

Já em (20) o núcleo nominal *facto* representa um Estado de Coisas, entidade que pode ser localizada no tempo e no espaço e avaliada em termos de sua realidade.

- (20) é que, quando ia a sair, em vez de utilizar o caminho que dava saída, portanto, de casa, eh, quis cortar. portanto, então viu que eu que estava ali, sentado, mas adormecido. eh, é um **facto** *que eu nunca mais esqueci na minha vida* (Moç86:Chuva l.58)

O núcleo nominal *mês*, em (21), identifica-se com a categoria Tempo; o núcleo *sítio*, em (22), com Lugar; o núcleo *forma*, em (23), com Maneira; o núcleo *porção*, em (24), com Quantidade; e o núcleo *razões*, em (25), com Razão.

- (21) em primeiro lugar, temos que ter em conta que uma mãe, desde o primeiro m[...], dia da sua gravidez, até o último mês que é o nono mês *em que a senhora tem lá o seu bebé*, terá sofrido tantos, tantos gastos a nível... físico (Moç97:Maternidade:l.18)
- (22) sempre faz-se um, um controle para que o gado não, não, não, não estrague, portanto, eh, as machambas que existam em redor do, do, lá do sítio *onde for a, a pastagem*. (Moç86:MeniniceMachamba:l.35)
- (23) eh, portanto, eh, eu, da **forma** *em que eu vivi*, não é, já estando num, num, portanto, num órgão assim de informação, eu poderei comentar a minha vida a muitos daqueles que também vive a me[...], a mesma situação. (Ang97:JovemGaspar:l.81)

- (24) mas o meu pai nunca fazia assim grandes **porção** de centeio *que chegasse a debulhar* para fazer centeio para mandar moer. (PT94-AmassarCozer:l.144)
- (25) não por **razões** eleitorais *que nunca estiveram no meu espírito* (PT90:PodereCE:l.57)

Já a relativa apositiva ocorre prototipicamente modificando Indivíduos, podendo, no entanto, modificar também as categorias semânticas de Estado de Coisas, Lugar e Tempo, como, respectivamente, exemplificado pelos núcleos negritados:

- (26) e contra a informação. **no caso específico da ANI**, *que é aquele que eu conheço*, (PT73Jornalismo:l.9)
- (27) então uma noite nós fomos **ao chiqueiro** *que fica perto dessa fazenda* (Bra80:Fazenda:l.119-120)
- (28) e, bom! isto aconteceu porque eu gosto de ver chover e mesmo **agora** *que sou adulto*, quando começa a chover, é à noite, de dia, prefiro ficar na janela ou saio mesmo para ver... (Moç86:Chuva l.60)

Ainda no Nível Representacional, seguindo os pressupostos da GDF, distinguimos quatro tipos de núcleo para as orações relativas restritivas e apositivas: (i) ausente; (ii) vazio; (iii) lexical; ou (iv) configuracional, conforme definidos na seção anterior. Tanto as orações relativas restritivas como as apositivas podem modificar núcleos lexicais, com apenas um item lexical ou com mais de um item lexical na posição do núcleo nominal, como exemplificado, respectivamente, pelas sentenças em (29) e (30).

- (29) como é que é apascentar o gado? dá lá assim uma ideia de como é que é o dia de **uma criança** *que apascenta o gado*, está bem? (Moç86:MeniniceMachamba:l.25)
- (30) existem **grupos de pessoas** *que, a nível de, do Instituto de Menores, de, ah, sobretudo a promoção social, tem vindo desencadeando uma, um mo[...], um, todo uma campanha de sensibilização* (CV95:RaparigasCV:l.117-9)

Em (29), o núcleo lexical é preenchido pelo nome *criança*, representativo de um Indivíduo, o que significa que ele tem a propriedade de designação,

diferentemente dos núcleos ausentes, como veremos a seguir. Por sua vez, em (30), trata-se de um núcleo configuracional, porque é constituído por mais de um lexema. Normalmente, esse tipo de núcleo é constituído por nomes relacionais, que designam partes de um conjunto e membros de parentesco, que tomam um argumento com a função semântica de Referência. No exemplo (30), o nome relacional *grupos* toma como seu argumento *pessoas*, que tem a função semântica Referência.

Considerando como parâmetro o núcleo nominal, pode-se afirmar que a principal diferença entre relativa restritiva e apositiva refere-se à distinção entre núcleo ausente e núcleo vazio. A modificação de um núcleo ausente ocorre necessariamente no Nível Interpessoal, porque, se o núcleo não contém informação lexical, está ausente no Nível Representacional, por isso, não pode ser modificado semanticamente, mas apenas pragmaticamente. Dessa forma, nomes próprios, como em (31), e pronomes pessoais, como em (32), são casos prototípicos de núcleo ausente e só são modificados por relativas apositivas. No Nível Interpessoal, são representados como Subatos Referenciais, codificados diretamente no Nível Morfosintático. Apesar de não conterem informação lexical, são exigidos pela valência do verbo, por isso, devem receber coindexação no Nível Representacional.

- (31) e contra a informação. no caso específico da ANI, que é aquele que eu conheço, a ANI tem um contrato com **a United Press International**, que é uma grande agência americana e que tem os seus correspondentes em todos os pontos possíveis do mundo. (PT73Jornalismo:l.10-11)
- (32) - exacto. ou seja, **você**, ah, que ficou pior primeiro da sua doença ao longo daqueles três anos por causa de não saber o que é que tinha e cada vez ficava mais nervoso
 -> exactamente. e eu
 - quando lhe disseram que não havia problema, foi
 -> acalmei muito mais, exactamente
 - foi acalmando e foi-se habituando a essa própria ideia. (PT97:MalDesconhecido:l.101-2)

A oração relativa restritiva, por sua vez, modifica um núcleo vazio, que difere do núcleo ausente por poder ser modificado semanticamente. Nos exemplos a seguir, o item lexical ausente na oração é colocado entre colchetes.

(33) B: eh pá, eu tenho várias histórias, tenho várias histórias de caça. concretamente agora dessa, não estou a ver exactamente qual é que a história...

A: histórias de caçadores.

B: ai tu estás a referir, eh, há **umas** *Ø* que são brincadeiras, há outras que são, que são...

A: reais!

B: que são verdade. eu não sei exactamente se tu queres uma dessas de...

A: que tu foste buscar o pato dentro de água, a nadar.

B: ah! já sei! já sei! essa já sei qual é que é. (PT97:BoaPontaria:l.4)

(34) A: nenhum tratamento. vim completamente sem nada.

B: ai que giro.

A: antes pelo contrário, tiraram-me **aquela** [remédio] que eu estava a tomar. (PT97:MalDesconhecido:l.94)

(35) eh, no entanto houve alguém que tirou daí dividendos, não é, e as coisas acabaram por, por dar dividendos **a esses outros** [homens] que estavam na *rectaguarda*, e aqueles que trabalhavam efectivamente a terra não melhoraram a sua... forma de estar na vida, a sua qualidade de vida. (PT97:TrabalhoPosseTerra:l.17)

Em (33)-(35), o núcleo nominal não está expresso por um lexema, mas pode ser identificado no texto por meio de uma relação anafórica com *histórias*, *remédio* e *homens*, respectivamente. Enquanto os núcleos vazios em (34) e (35) retomam anaforicamente referentes da categoria semântica Indivíduo, observe-se que, em (33), o referente *histórias* é um Episódio, pois é um conjunto tematicamente coerente de Estado de Coisas que contém continuidade de Indivíduo, Tempo e Espaço.

Observe-se que os operadores gramaticais, como artigos e pronomes demonstrativos e indefinidos, que se referem anaforicamente ao lexema correferente ao núcleo vazio, são sempre expressos mesmo o núcleo sendo vazio, como se comprova nas ocorrências anteriores com o artigo *umas* e os pronomes *aquela*, *esses* e *outros*.

Morfossintaticamente, os núcleos vazios também podem ser preenchidos por expletivos gramaticais (pronomes demonstrativos ou indefinidos) e pelo expletivo lexical *coisa*. O expletivo é usado para remediar a ausência de certos elementos interpessoais ou representacionais que são necessários para a boa formação de um sintagma (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 391). Dessa forma, a ausência de um elemento no lugar do núcleo nominal da relativa leva à inserção de um expletivo no Nível Morfossintático. Em (36-38), há exemplos de núcleos vazios preenchidos por expletivos gramaticais (*algo*, *tudo* e *isso*) no Nível Morfossintático.

- (36) exactamente, foi o que, ah, morreu decapitado na, na revolução francesa. e, é, f[...], é Lavoisier que vai descobrir que **esse algo que está no ar** é o oxigênio. (PT89:PaiMedicina:l.31)
- (37) um já conheço assim, é uma coisa que faz parte da, da minha herança, da minha vida, de **tudo que eu gosto**. (Bra80:ArteUrbana:l.83)
- (38) bom, **isso que me está aí a dizer** faz pensar que olha para... a relação do casal como uma coisa muito racional, muito programada, logo à partida. (PT96-MaridoIdeal:l.76)

Em (36), o expletivo *algo* remete ao referente que será cataforicamente mencionado (*oxigênio*). Em (37), o expletivo *tudo* resume a enumeração de referentes (*minha herança*, *minha vida*) anteriormente expressos. Em (38), o expletivo *isso* recupera o conjunto de informações referido antes no discurso.

O expletivo¹¹ *coisa* pode ser usado para se referir, anafórica ou cataforicamente, a entidades de diversas categorias semânticas, como se comprova pela análise das ocorrências abaixo:

- (39) o pai trabalha, a mãe trabalha, os filhos ficam abandonados, não é, eles lá já se habituam a preparar os seus alimentos, etc., etc., **tudo coisas que no meu tempo nunca acontecia**, não é, (PT95-JuventudeOntemHoje:l.19)

¹¹ A ideia de que *coisa* é um expletivo respalda-se na análise de Keizer (no prelo) para o item *thingummy* do inglês na frase “And the trouble is with not moving that thingummy builds up and then you get this very bad cough down your chest” [E o problema é que, quando você não se movimenta/faz exercícios, essa coisa cresce e então você terá uma tosse bem ruim no peito].

(40) mas, o liceu é **a coisa mais gratificante** que apanhei aqui no [...]. (To-Pr96: SerProfessor:l.66)

(41) A: e é, é sobretudo uma clientela feminina, isso nem é preciso perguntar?!

B: sim. não, sim, nós temos uma gama também para, para homem. eh, e já tivemos essa gama, portanto muito mais completa. mas, de qualquer das maneiras, temos uma gama, pronto, de creme hidratante para a pele, uma opção after-shave, eh, águas-de-colônia, after-shaves, mousses de barbear também, temos, embora, claro, que os produtos abundem, mais, em quantidade para, para a mulher, não é,

A: hum, hum. eh, na sua opinião, os, os homens não necessitam de usar produtos de beleza, como é que...?

B: bem, eu acho que sim. todos os homens, o, a, a pele é igual. precisamente. eu os ho[...], acho que os homens devem-se tratar. o que é, é que não está muito nos hábitos dos nossos... homens portugueses, não é,

A: hum, hum.

B: porque em França, quando eu entrei na firma, havia uma linha bastante completa de homem, onde tinham um peeling, que é um esfoliante para limpar a pele em profundidade, para retirar as células mortas, eh, pronto, pontinhos negros e depois uma máscara. e de facto era ótima. é, é, era ópti[...], eram óptimos esses produtos. só que não tinham aquela venda, pronto

[...]

A: e o próprio homem não sentirá que perde a sua virilidade?

B: não. isso acho que não tem razão de ser. acho que não. então porque é que há-de perder? pelo contrário, se ele se, se vai usar **coisas** que ele possa se sentir melhor, muito ma[...], enfim, eu acho que não. (PT96:BomSensoRosto:l.64)

O núcleo nominal *coisa* em (39) remete anaforicamente a um conjunto de Estados de Coisas (o pai trabalhar, a mãe trabalhar, os filhos ficarem abandonados, os filhos prepararem sua alimentação) com unidade de Tempo, Lugar e Indivíduos, portanto, pode-se afirmar que o expletivo refere-se a uma porção textual anterior que constitui um Episódio. Em (40) e (41), por seu turno, o expletivo *coisa* refere-se, respectivamente, a um Lugar (*o liceu*) e a Indivíduos (*máscara, creme*).

Não há consenso entre os pesquisadores (CAMACHO, inédito; NEVES, 2011) quanto a algumas construções com núcleo vazio que são encabeçadas pelas construções *o que/que* e que vêm normalmente delimitadas por pausas, como nos trechos a seguir.

(42) A: portanto, digamos que aquela diferença entre a cidade e o campo está-se a esbater...

B: ah, absolutamente! acho que sim. ma[...], e mais a mais, pronto, jovens, eh, sabendo precisamente isso, os jovens do campo querem-se parecer mais com os jovens da cidade, apesar de isso não ser nenhuma vantagem, nem ser nada de...

A: hum, hum.-> de bom, mas, para não, para não se[...], precisamente para não serem apelidados de jovens do campo, então...

B: e...

A: imitam os outros

B: hum, hum.

A: *o que também não é bom* (PT96:MeioPequeno:l.53)

(43) ah, poderemos adiantar mais alguma coisa que ajude o nosso telespectador a resolver o assunto, uma vez que pelos vistos, eh, ignora totalmente – *o que é compreensível* – ignora totalmente estas situações. (PT89:LeiCotidiano:l.27)

(44) A: acham lindo fazer uma casa assim género planalto, é, palácio da alvorada...

B: sei.

A: assim, sabe, no meio, uma coisa assim...

B: ham, ham.

A: tacar ladrilho nas casas *Ø que não têm nada a ver*.¹² (Bra80:ArteUrbana:l.99)

Camacho (inédito) considera que toda a estrutura destacada em itálico em (42)-(44) é uma oração relativa apositiva introduzida por *o que* e defende que a relativa introduz um comentário avaliativo sobre o núcleo nominal. Neves (2011), por sua vez, defende que *o* é o núcleo da relativa restritiva e funciona como um Aposto que retoma as informações citadas anteriormente.

¹² Em (24), a falante está rindo enquanto pronuncia a sentença “tacar ladrilho nas casas que não têm nada a ver”, por isso realiza uma pausa depois de ladrilho. Há uma pausa breve antes da oração relativa, que é pronunciada com tessitura mais baixa.

Isso quer dizer que a dúvida está em se delimitar o que está estabelecendo a retomada das informações anteriores. Em (42), a estrutura *o que também não é bom* está se referindo a toda uma porção textual anterior, que engloba as informações de que *os jovens do campo imitam os da cidade*. Já em (43), a construção *o que é compreensível* refere-se ao fato de o telespectador ignorar as situações referidas pelo Falante. Em (44), a estrutura *que não tem nada a ver* diz respeito à ação de as pessoas colocarem ladrilho nas casas.

Não se pode negar que a função dessas construções é fazer um comentário avaliativo sobre as informações veiculadas, demonstrando o posicionamento do Falante. É nesse sentido que Decat (2004, 2010) atribui funções textuais-discursivas a essas construções, cujo objetivo é focalizar a informação segundo os objetivos comunicativos do Falante. Segundo a autora, essas estratégias são motivadas pragmaticamente e trazem informações proeminentes.

A GDF, no entanto, explica essas construções considerando a organização hierárquica do modelo gramatical. Postula, portanto, que essas estruturas são idênticas às de núcleo vazio discutidas anteriormente em (33)-(41). Ou seja, a partícula *o*, em (42) e (43), e a elipse em (44), que estabelecem uma relação anafórica com o trecho anterior, representam núcleos vazios que retomam informação citada anteriormente. Assim como qualquer outro núcleo vazio, o pronome *o* e a elipse têm como função retomar informações citadas anteriormente e disponíveis contextualmente. Em (42), a construção *o que não é bom* faz uma avaliação negativa do conteúdo do Estado de Coisas *imitar os jovens da cidade*. Em (43), a construção *o que é compreensível* justifica a informação do Estado de Coisas *ignorar essas situações*. Por fim, em (44), é o Estado de Coisas *tacar ladrilho nas casas* que é avaliado como não interessante.

Entendemos que a escolha das construções *o que também não é bom*, *o que é compreensível* e *que não têm nada a ver* ocorre no Nível Interpessoal. São construções que constituem Movimentos. No Nível Representacional, consistem em um Conteúdo Proposicional, formado pelo núcleo vazio [*o* em

(42) e (43) e a elipse em (44)] modificado por um Estado de Coisas [a oração relativa restritiva]. Isso significa que não é a oração relativa que funciona interacionalmente (ou, nos termos de Decat, que atribui funções textuais-discursivas), e sim toda a construção. A oração relativa, nos exemplos, é restritiva, pois tem a função de delimitar semanticamente o núcleo nominal vazio.

Considerações finais

Este trabalho discute a relação entre o núcleo nominal e a oração relativa que o modifica. Diferentemente de Givón (2001), que propõe uma relação entre o estatuto (definido, indefinido ou não referencial) do núcleo nominal e o *status* dado/novo da informação veiculada pela oração relativa, propomos aqui um estudo que considera de maneira bem delimitada critérios pragmáticos, semânticos e morfossintáticos, conforme definidos em níveis e camadas dentro do Componente Gramatical da GDF. A partir dessa perspectiva, é possível traçar importantes semelhanças e diferenças entre a relativa apositiva e a restritiva, como sumarizado no quadro a seguir.

Quadro-resumo: Especificidades do núcleo nominal na oração relativa

Nível	Relativa Apositiva	Relativa Restritiva
Inter-pessoal	Subato Referencial [+específico, +identificável]	Subato Referencial [+específico, +identificável], [+específico, -identificável] ou [-específico, -identificável]
Representacional	Modifica prototipicamente a categoria semântica Indivíduo.	Modifica as categorias semânticas Conteúdo Proposicional, Estado de Coisas, Indivíduo, Modo, Tempo, Lugar e Razão
	Modifica núcleo ausente (nome próprio e pronome pessoal).	Modifica núcleo vazio.

De modo geral, o núcleo nominal apresenta um Subato Referencial no Nível Interpessoal, que é correferente no Nível Representacional. No Nível Representacional, esse Subato pode ser de diferentes categorias. Como tanto a relativa restritiva quanto a apositiva podem modificar núcleos lexicais e configuracionais, defendemos que a distinção entre elas se deve ao tipo de núcleo que cada uma modifica: ausente ou vazio. O primeiro, representado normalmente por nomes próprios e pronomes pessoais, é modificado no Nível Interpessoal, portanto, por uma relativa apositiva. O núcleo vazio, por outro lado, só pode ser modificado, no Nível Representacional, por uma relativa restritiva. Nesse caso, os operadores gramaticais, como artigos e pronomes demonstrativos e indefinidos, que se referem anaforicamente ao lexema correferente ao núcleo vazio, permanecem em suas posições. Morfossintaticamente, os núcleos vazios também podem ser preenchidos por expletivos gramaticais (pronomes demonstrativos ou indefinidos) e pelo expletivo lexical *coisa*.

CÂMARA, Aliana Lopes; PEZATTI, Erotilde Goreti. Functional discourse description of the noun phrase head of the relative clause in Portuguese. **Revista do Gel**, v. 12, n. 1, p. 9-32, 2015.

ABSTRACT: *In this paper, we present a description of the relative clause in Portuguese based on the theoretical framework of Functional Discourse Grammar. Our main objective is to investigate how the type of head (lexical, configurational, empty or absent) contributes to the distinction between restrictive and non-restrictive relative clause. The research universe, representative of all official varieties of spoken Portuguese, is composed of actual occurrences of speech, extracted from the corpus “Português Falado”, produced by the Linguistic Centre at the University of Lisbon, in partnership with the University of Toulouse-le-Mirail and Provence-Aix-Marseille.*

KEYWORDS: *Relative Clause. Functional Discourse Grammar. Head.*

Referências

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.

CAMACHO, R. G. As orações relativas. In: PEZATTI, E. G. (Org.). **Construções subordinadas na lusofonia**: uma abordagem discursivo-funcional. (No prelo).

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DECAT, M. B. N. Orações relativas apositivas: SNs ‘soltos’ como estratégias de focalização e argumentação. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1/2, p. 79-101, jan./dez. 2004.

DECAT, M. B. N. A função focalizadora de estruturas “desgarradas” no português falado e escrito: um estudo funcionalista de orações em sua ocorrência como enunciado independente. In: MARÇALO, M. J.; LIMA HERNANDES, M. C.; ESTEVES, E.; FONSECA, M. C.; GONÇALVES, O.; VILELA, A. L.; SILVA, A. A. (Ed.) **Língua portuguesa**: ultrapassar fronteiras, juntar culturas/SIMELP. Évora: Universidade de Évora, 2010.

GIVÓN, T. **Syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. v. 2.

KEIZER, E. **A functional discourse grammar for english**: a textbook. (No prelo).

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional discourse grammar**: a typologically-based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. 2. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

TARALLO, F. L. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. PhD Dissertation. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1983.